

# A RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO NA PERCEPÇÃO DE JOVENS DO CAMPO

Priscila Teixeira da Silva<sup>1</sup>  
Domingos Rodrigues da Trindade<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto traz reflexões a partir de um recorte de uma pesquisa desenvolvida como trabalho de conclusão do curso de pedagogia e de estudos agora no âmbito do mestrado em Educação do Campo. Durante a pesquisa sobre o olhar de jovens cortadores de cana da comunidade de Mutans sobre a educação escolar, constatamos que esses jovens não associam a vida no campo com os estudos, reafirmando a histórica dissociação entre o meio rural e o conhecimento científico. Esta dissociação muito tem haver com o tipo de educação a qual os povos do campo tiveram acesso, uma educação urbanocêntrica que não reconhece sua à cultura, seus saberes, suas lutas. Em contrapartida o movimento por uma Educação do Campo vem reestabelecer os laços entre o trabalho e a educação e postular esta como um instrumento na luta dos direitos dos povos do campo.

**Palavras chave:** Educação. Trabalho. Juventude Rural. Educação do Campo.

## Introdução

A educação desde 1988, graças ao artigo 205 da Constituição Federal, passou a ser um direito de todos e dever do estado e da família. Com essa obrigatoriedade e com as transformações sociais, no decorrer do tempo, principalmente no mundo do trabalho que passou a garantir cada vez mais chances ao “potencial intelectual” devidamente certificado<sup>3</sup>, fizeram com que a educação escolar passasse a ser uma dimensão extremamente relevante na vida das pessoas.

A educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas. Este fenômeno tem várias causas. A divisão tradicional da existência em períodos distintos — o tempo da infância e da juventude consagrado à educação escolar, o tempo da atividade profissional adulta, o tempo da aposentadoria — já não corresponde às realidades da vida contemporânea e, ainda menos, às exigências do futuro. Hoje em dia, ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus XII), mestranda em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e bolsista da FAPESB. (priscilats4@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientador: prof. Ms. da UNEB campus XII; doutorando pela UnB.

<sup>3</sup> “O diploma adquirido no fim da escolaridade constitui ainda, muitas vezes, a única via de acesso a empregos qualificados, e os jovens não diplomados, não tendo nenhuma competência reconhecida, não só se acham em situação de insucesso no plano pessoal como estão também em situação de inferioridade prolongada perante o mercado de trabalho.” (DELORS, 1998:149)

do mundo exige uma atualização contínua dos saberes, mesmo que a educação inicial dos jovens tende a prolongar-se (DOLORS, 1998:103).

Desta forma, essa educação transformou-se no principal, se não o único, meio que o indivíduo tem de garantir os seus direitos civis e políticos, assumindo assim, verdadeiramente, sua posição de cidadão.

Contudo, nenhuma legislação foi capaz de impedir que a escola ou a organização escolar se tornasse um meio de efetivação de hierarquias culturais e modos de vida. Afinal, se o objetivo é o desenvolvimento do sujeito, o desenvolver não está em suas potencialidades, mas naquelas necessárias para se atingir um ideal de cidadão baseado em princípios pré-estabelecidos socialmente.

Esta situação é mais evidente quando analisarmos a realidade rural do nosso país, “a educação imposta à zona rural é mais drástica ao tentar formar o jovem a partir de uma educação voltada para a população urbana.” (FROSARD, 2003: 26), pois muito embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 estabeleça que a escola deva se adaptar à vida e cultura do meio rural, como pode ser visto no artigo 28:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I** - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II** - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III** - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 2010: 25)

É certo de que isso nem sempre vem sendo cumprido, pois o que se observa é uma adaptação dos sujeitos do campo às “normas” da escola, sustentadas por princípios “urbanocêntricos”, caso contrário, ele é ridicularizado e excluído. “Percebemos que os jovens acabam por não serem agentes de transformação, mas sim pessoas que se adaptam a um modelo já existente.” (FROSARD, 2003: 26).

Diante dessa realidade, diversos movimentos surgiram principalmente ligados ao Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) reivindicando uma educação condizente com a cultura e os preceitos da vida do campo. Com isso, cada vez mais a Educação do Campo foi ganhando destaque no âmbito científico, e atualmente, existem diversos autores que a discutem.

Arroyo, Caldart e Molina (2004) afirmam que os debates nessa área não terminam na reivindicação para oferta de educação no meio rural. Eles vão muito mais além, pois defendem uma reestruturação total do “modo de educar” até então difundido nas escolas.

Não basta ter escolas no campo; queremos ajudar a construir escolas do Campo, ou seja, escolas com um Projeto Político Pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo. (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004: 27)

Desta forma a própria visão de educação é questionada, já que, segundo Caldart (2007: 6) “a Educação do Campo exige por si só uma visão mais alargada de educação”, que se baseie não na instrumentalização, mas sim na emancipação<sup>4</sup>.

Voltando à questão do direito à educação, a Constituição Brasileira de 1988 ainda assegura como princípio, no artigo 206, a “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Com relação ao campo, isso não vem acontecendo, fato este confirmado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) ao divulgar a análise da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2009, que revela que a taxa de analfabetismo na população de 15 anos ou mais no meio rural é de 22,8 % enquanto que a do meio urbano é de 4,4 %.(Ipeia, 2010: 11), e a média de anos de estudo da população, dessa mesma faixa etária, na zona rural é de 4,8 anos, enquanto que o da zona urbana é de 8,7 anos (Ipeia, 2010: 6).

Os dados apresentados permitem-nos perceber que mesmo aqueles sujeitos que ingressam na escola acabam não concluindo os estudos na educação básica. E é essa realidade observada na comunidade de Mutãs<sup>5</sup> que fica no município de Guanambi, cidade situada no sudoeste baiano, onde vários jovens abandonam seus estudos e migram para os canaviais de São Paulo, Mato Grosso, Goiás e sul de Minas Gerais. Jovens que deixam não só os estudos como também suas famílias, seus lares, para viver sob condições extremas de trabalho.

---

<sup>4</sup> Expomos aqui a ideia de educação para emancipação, baseados em Adorno (2006: 141) que afirma ser o dever da educação buscar a emancipação dos sujeitos a partir da “produção de uma consciência verdadeira”. Desta forma, nos referimos aqui ao processo de construção da consciência a partir do pensamento crítico/reflexivo que só pode se relacionar à educação escolar quando esta “não somente visar à adaptação e transmitir conteúdos, mas ir além, levando os alunos a atingirem a autonomia intelectual.” (PINHO, 2009: 37).

<sup>5</sup> Optamos pelo nome “Mutãs” porque é este o nome que se encontra nos mapas, mas usualmente as pessoas da comunidade utilizam “Mutans”.

É certo que essa situação não é resultado somente da rebeldia juvenil ou do imediatismo que a sociedade costuma associar à pobreza. Existem diversos fatores envolvidos nesta problemática. Nessa perspectiva de debate sobre a educação, durante a pesquisa na qual analisamos o sentido atribuído à educação escolar por jovens cortadores de cana do distrito de Mutãs, constatamos que esses jovens não associam a vida no campo com os estudos, reafirmando a histórica dissociação entre o meio rural e o conhecimento científico. São jovens que veem a educação apenas como uma necessidade para o trabalho, e o trabalho para eles é somente aquele oferecido na cidade.

Impregnados pela visão de que a vida no campo, principalmente no semiárido é inviável, esses jovens abandonam suas terras, seus estudos, sua família e vão para o corte de cana como um meio de aquisição de bens materiais, mesmo que isso esteja relacionado a péssimas condições de trabalho.

### **O perfil dos jovens: características, escolaridade, experiências...**

Ao caracterizarmos uma pessoa estamos distinguindo ela dos outros, mas esta distinção nunca consegue isolá-la de todos os conjuntos possíveis de comparações. Embora cada sujeito tenha características próprias, muitas delas se assemelham com as de outras pessoas e divergem de outras tantas. Construindo assim, uma vasta gama de analogias provenientes dos vários grupos que se (des)formam a depender do ponto em questão.

Pautados nesta perspectiva, construímos um breve perfil dos jovens pesquisados, comparando-os, quanto às suas semelhanças e discrepâncias.

Participaram da pesquisa dez jovens, que são mencionados com nomes de pássaros, pois assim como eles migram quando um vôo mais longo faz-se necessário, mas sempre retornam ao ninho.

Como já foi dito anteriormente, todos eles tem moradia oficial na comunidade de Mutãs<sup>6</sup>. Utilizamos o termo “moradia oficial”, por ser o lugar que os jovens afirmam morar, muito embora passem, durante um ano, mais tempo no município em que vão cortar cana do que na localidade de origem, é como se lá (no corte de cana) eles não possuíssem

---

<sup>6</sup> A comunidade chamada até 1929 de Lagoa da Espera e Itaguaçu até meados de 1945 quando foi renomeada para o topônimo de Mutãs, que em tupi, significa jirau feito no alto das árvores, para espera da caça. Era justamente na Lagoa da Espera que os caçadores escondidos em meio às árvores ficavam aguardando os animais (ARIEL; et. al., 1999: 20-21). E mesmo a população da comunidade tendo aumentado, ela ainda conserva as características culturais e econômicas do meio rural.

moradia. Mesmo que seus corpos ocupem um lugar distante de sua terra, seus “espíritos” permanecem com suas famílias em suas casas, seus lares.

A idade desses jovens, no período da pesquisa, ficava entre os dezenove e vinte e sete anos, com uma média de 24,4 anos. Todos são católicos, embora assumiram não freqüentar com assiduidade a igreja. Dois deles se definiram-se negros, três brancos e cinco pardos.

Todos tiveram acesso à educação escolar. Entretanto, nenhum concluiu a educação básica, todos abandonaram uma ou mais vezes os estudos durante o ensino fundamental, para irem trabalhar no corte de cana. Embora mesmo antes disto, já se verificasse um alto índice de defasagem escolar, devido ao ingresso em idade avançada na escola, abandonos anteriores e principalmente repetências.

Segundo o Panorama Nacional da Educação do Campo (2007: 20) “a distorção idade-série apresenta grandes diferenças entre as regiões do país, com destaque para o Norte e Nordeste, que exibem taxas de 53,7% e 44,5%, respectivamente, nas séries iniciais, e de 65,2% e 63,4% nas séries finais do ensino fundamental rural”.

Seis deles (Andorinha; Bem-te-vi; Canário; Cardeal; Juriti; Pardal) não voltaram a estudar após terem ido trabalhar no corte de cana; um (Sabiá) nas idas e vindas até voltou a estudar, mas, desistiu antes de concluir o ano; João-de-barro voltou a frequentar a escola, concluiu a oitava série, ingressou no primeiro ano, mas desistiu logo na primeira unidade retornando ao corte de cana; Somente Carcará e Jacu estavam estudando, no período da aplicação do formulário, o primeiro ano e terceiro ano do ensino médio respectivamente. Contudo Jacu já declarava interesse em abandonar os estudos.

Assim sendo, sete deles possuem ensino fundamental incompleto, um tem o ensino fundamental completo e dois estavam cursando o ensino médio.

Mesmo com esses jovens tendo acesso a educação, o abandono escolar surge como um dos principais problemas a serem enfrentados no Brasil.

Quatro deles (Bem-te-vi, Carcará, Jacu, Sabiá) possuem irmãos que já foram para os canaviais, mas somente dois apontaram a influencia da família na tomada de decisão sobre ir trabalhar na colheita da cana, pois a maioria soube ou teve acesso ao trabalho através de amigos. E a idade de ingresso na vida de cortador de cana varia entre dezoito e dezenove anos. Observamos que este fato se deve a aquisição da maioridade, a maioria deles expressou uma espera, até angustiante, pela chegada da idade para ser aceito nas usinas canavieiras.

O trabalho no corte de cana é tido por eles como a forma mais rápida e acessível a eles para aquisição de bens materiais que os coloque em igualdade com os “caras”,mas reconhecem que o trabalho é difícil e que não recomendariam este trabalho para ninguém.

## **O corte de cana**

A cana está presente no território e na economia brasileira desde a época colonial. No principio sua produção tinha como fim o açúcar, que era comercializado por Portugal. Na sua produção nos canaviais utilizava-se como mão de obra negros vindos da África, pois eram tidos como escravos, conseqüentemente, não tinham direito à educação escolar, privilégio até então, dos filhos da nobreza.

Mesmo que em certos períodos a produção da cana tenha tido um declínio este cultivo se mantém firme até os dias de hoje.

No século XIX, o Brasil, que já tinha sido o maior produtor mundial de açúcar, caiu para o quinto lugar [...] . Já no século XX, com o fim do Ciclo do Café, houve uma retomada do cultivo da cana para produzir açúcar para o mercado interno. São Paulo e Rio de Janeiro passaram a abastecer o Sul do País, fazendo com que a atividade entrasse em declínio no Nordeste.

(União da Indústria de Cana-de-açúcar - ÚNICA)

E quando a produção do açúcar se tornou competitiva com relação a outros países, além da crise do petróleo, surgiu um novo potencial da cana: o etanol. Em 1975, foi criado, no Brasil, o Programa Nacional do Álcool (Proálcool), “que diversificou a atuação da indústria açucareira com grandes investimentos apoiados pelo Banco Mundial, possibilitando a ampliação da área plantada com cana-de-açúcar e a implantação de destilarias de etanol.” (ÚNICA)

Hoje segundo dados da UNICA o Brasil é o maior produtor mundial de cana, e seu cultivo ocupa mais de sete milhões de hectares o que garante uma produção, tanto para o mercado interno quanto externo, de açúcar e etanol.

Os impressionantes números do setor sucroenergético (safra 2009/10)

<b>Movimenta:</b>	<b>R\$ 56 bilhões (Produção de Cana, Açúcar, Etanol e Bioeletricidade)</b>
<b>Representa:</b>	2 % do PIB
<b>Gera:</b>	4,5 milhões de empregos diretos e indiretos
<b>Envolve:</b>	72.000 agricultores (produtores independentes de cana-de-

	açúcar)
<b>Moe:</b>	610 milhões de toneladas de cana
<b>Produz:</b>	33 milhões de toneladas de Açúcar
<b>Produz:</b>	29 bilhões de litros de Etanol
<b>Exporta:</b>	20 milhões de toneladas de açúcar / US\$ 9 bilhões
<b>Exporta:</b>	2 bilhões de litros de Etanol / US\$ 1 bilhão
<b>Recolhe:</b>	R\$ 14 bilhões em impostos e taxas
<b>Investe:</b>	R\$ 8 bilhões/ano
<b>Compõem-se de:</b>	420 Usinas e Destilarias (+ cerca de 40 projetos em andamento)
<b>Área Plantada</b>	7,8 milhões de hectares - 3,5% área agricultável

Fonte: Jornal da Cana ([http://jornalcana.mobi/jc\\_mobile/conheca.php](http://jornalcana.mobi/jc_mobile/conheca.php))

Segundo Laa e Vilela (2007:39) no Brasil a colheita da cana é realizada principalmente por método manual e semimecanizado. “Em muitas regiões do Brasil, a utilização de mão-de-obra no corte de cana foi, e deverá ser realidade por muito tempo ainda, levando em consideração o relevo, que em muitas regiões é fator limitante para a colheita mecanizada” (GUIMARÃES; TASSO JUNIOR; FARHAT, 2009:13). E se antes a mão de obra era formada por aqueles tidos como escravos hoje em dia este trabalho é realizado por pessoas com baixa instrução, mesmo a educação sendo um direito de todos.

Compondo a parcela marginalizada, desprotegida e sem especialização da população, o cortador de cana-de-açúcar, que se encontra na contramão da tendência de intelectualização do trabalho ingressa nessa profissão como forma de subsistir, jamais como vocação, mas sim como parte de uma minúscula esfera de escolhas possíveis a essa classe, porque se outrora se vivia para trabalhar, hoje se trabalha para viver (MACEDO, 2008: 11).

E cada vez mais o retrato desse grupo se torna jovem e nordestino, se antes a faixa etária de contratação era de 25 a 40 anos agora já são admitidos jovens de 18 anos, e principalmente aqueles do Nordeste (MACEDO, 2008 :13-14).

O corte manual da cana-de-açúcar, segundo Copersucar (apud LAAT; VILELA, 2007: 39), “é caracterizado por movimentos repetitivos dos braços, pernas e tronco, podendo ser feito sob duas condições: cana crua e cana queimada. Ou como descreve mais minuciosamente Macedo:

com um dos braços, o trabalhador abraça o maior número possível de colmos de cana. Em seguida, curva-se para frente e, com o podão seguro por uma de suas mãos, golpeia, com um ou mais movimentos a base dos

colmos, o mais próximo possível do solo. Em seguida, faz um movimento de rotação e, ao mesmo tempo, levanta o feixe de cana já cortada, depositando-o em montes atrás de si (MACEDO, 2008: 13).

É um trabalho repetitivo e desgastante, que gera um stress físico e mental no trabalhador, já que o sistema de remuneração se baseia na produtividade. Segundo Alves (2006: 96) para cortar doze toneladas de cana por dia o trabalhador, em média, tem que despende 133.332 golpes de podão.

Figura – Operação correta da altura do corte



Fonte: Grupo COSAN S/A – Dumas, 2003. In: GUIMARÃES; TASSO JUNIOR; FARHAT, 2009.

É necessário ter uma resistência física muito boa para aguentar o ritmo do trabalho, segundo Abramo (2008b:14) “daí a necessidade de trabalhadores jovens nos canaviais”. E mesmo tendo os jovens uma maior capacidade física não é raro a ocorrência de problemas de saúde, e casos até de acidentes fatais.

**P:** Já teve alguma vez que você sentiu mal cortando cana?

**Jacu:** Já uma vez eu fiquei mal mesmo.

**P:** O que foi?

**Jacu:** *Ambição! (rs)Eu trabalhei o dia todim, foi quase o dia todo, até umas três horas da tarde, ai fui, né? Eu tava pegando minha escala, né? Ai peguei naquela ambição, porque tinha muita cana. Falei: vou aproveitar hoje pra ganhar muito dinheiro! Ai fui, terminou o primeiro fui pro outro com uns seis... Setecentos metros, ai o cara falou pro outro menino bem assim: \_ Cê dá... cês segue até onde cês quiser. Ai deu aquela ambição. Ai logo o menino começou a sentir mal, ai falou: \_ Ah! Vou parar que já comecei a esfriar as perna. Ai parou, ai eu peguei e*



*continuei, falei não vou desistir, né? Ai não demorou uns dez, quinze minutos, comecei a sentir mal também. Ai fui pro ônibus, lá tem uma barraca, ai lá ( ) que gente cortando cana assim não pode comer coisa assim nada doce, só mesmo sal ou limão, ai latinha um pedaço de bolo, eu peguei esse pedaço de bolo e comi ( ) Foi comê e sentir mal, fui até o outro dia mal, mal mesmo até o outro dia sentindo mal, trabalhava pouco e parava. Ai depois comecei a melhorar, ai eu alimentando mais ou menos, cheguei em casa, que a ultima coisa que agente chega ruim assim em casa é bebe coca, pra melhorar, né? Cheguei lá tomei uma coca (risadas) e apetite nada, é só mesmo fazendo vomito, essas coisas. (grupo focal)*

As consequências dessas condições de trabalho fazem com que tenhamos números assustadores quanto à ocorrência de acidentes dos mais variados tipos.

Não é por acaso que dentre o total de acidentes de trabalho sofridos pela população rural, 43% acontecem na cadeia produtiva da cana-de-açúcar. Dermatites, conjuntivites, desidratação, câimbras, dispnéia, infecções respiratórias, oscilações de pressão arterial, ferimentos (de trabalho e trajeto), úlceras, hipertensão, dores na coluna vertebral, torácicas, lombares, de cabeça, stress e alcoolismo são algumas das consequências desse trabalho (MACEDO, 2008: 13).

***Bem-te-vi:*** *Vixe, eu já cortei dedo, braço até a testa com o podão. (rs)*  
(Grupo focal)

***Sabiá:*** *Teve o menino né? Cê lembra moço? O Sol tava quente, e o menino não estava agüentando mais, ai ele pegou ... (risadas) pegou o podão e cortou a mão dele, pra parar mais sem perder o dinheiro.*

***Andorinha:*** *Foi mesmo! Eu lembro, aquele carinha.*

***Sabiá:*** *Ai ele foi atendido (risadas) e o médico disse que ele ainda podia trabalhar. (risadas)*  
(risadas)

***Sabiá:*** *Ai ele voltou com a mão toda enfaixada, puta da vida. (rs).*  
(Grupo focal)

Mas não é só pela busca de uma remuneração maior que os cortadores de cana se expõem a uma cadência de trabalho sem descanso, sucedem também situações de pressão psicológica tanto pela presença e cobrança dos fiscais como pela utilização de métodos punitivos que dificultam o trabalho do cortador.

**Jacu:** *Tinha vez que cê cortava mais outra vez menos, mais pouco, ai ficava sempre reclamando. \_ Ah! Cê não ta cortando quase nada, desse jeito não dá, vou mudar você de escala.( ) Que muda de escala... quando muda de escala prejudica agente. Se eu fraquice um pouquinho me prejudicava. Eu ia lá pra frente que lá tem aquele negocio de abrir o( \_\_\_\_\_ ) quando a cana ta encima de outra. No caso se for cinco seis ruas, cê tem que levar seis ruas, no caso né, pra eles não bota nessa escala. Ai lá fica muito ruim, não produz. (entrevista)*

Toda essa situação fez com que a expectativa de tempo de serviço nessa atividade chegasse a 12 anos, menor do que a do escravo após 1850 (MACEDO, 2008: 14). E não é só os problemas nos canaviais, o cortador de cana também enfrenta, segundo Scopinho e Valarelli (apud SCOPINHO, 1999: 148), péssimas condições de vida, quanto à higiene, alimentação, saneamento, dificuldade em obter bens de consumo, falta de órgãos de apoio quanto à reivindicação de seus direitos.

**Andorinha:** *Lá não lugar muito bom pu cê ( ) Sabe que cê tem que ir pra trabalhar, ai cê fica lá, né? Trabalhando, tem que arrumar a casa, é mito difícil cê arrumá a casa, o aluguel é muito caro que é. Energia, conta de água muito cara cê entendeu? Mais a vida lá não é fácil não. Lá se você fica parado um dia, cê ta perdendo ele. Tem que trabalhar todos os dias pá se manter no luga, pelo menos pá ganha algum centavo. (entrevista)*

**Juriti:** *A comida lá fica cara durante a safra, sobe quase setenta por cento, a abobora pequena custa mais de cinco reis. (grupo focal)*

Diante dessa situação de desgaste e privações tanto materiais quanto emocionais, nos questionamos o que leva esses jovens a se sujeitar a este tipo de trabalho, sabendo das dificuldades e privações, além do fato de que nele não poderá permanecer por muito tempo?

Então percebemos que a maioria deles não querem continuar por muito tempo como cortadores de cana. Nas suas próprias conclusões eles não se veem como cortadores de cana, eles apenas estão nesta condição por tempo limitado. Dois deles já até afirmam que não vão voltar mais, justamente os que voltaram a estudar, eles estão buscando outras formas de renda na mesma localidade onde vivem. Sete deles, embora ainda continuam indo para os canaviais, pretendem buscar outro serviço o mais breve possível. Somente um deles, o mais velho, afirma que, mesmo o serviço sendo ruim, ele pretende ir até que não

agente mais, e quando questionado por que, ele traduziu em poucas palavras a desfuturação de sonhos e perspectivas:

***Juriti:** Eu vou fazer o quê? Não tenho estudo, não dá pra viver da terra aqui, eu só sei fazer isso! Tenho que ganhar dinheiro, do jeito que for!*

Mas não é exatamente o dinheiro que os motivou a irem pela primeira vez para as usinas canavieiras. E sim a possibilidade de adquirir bens de consumo, de terem condições de “cair na farrá” (SABIÁ, entrevista) da cidade. Não importa que para isso eles tinham que sofrer durante meses, pelo menos eles estavam longe e ninguém os via naquelas condições.

Ao questioná-los sobre o que fizeram com o primeiro dinheiro que conseguiram juntar trabalhando no corte de cana, as respostas convictas e em meio a risadas foram unânimes: uma moto!

O status, segundo os jovens, que uma moto lhes dava diante das “garotas”, reflete o preconceito presente nas sociedades quando ao modo de vida e a condição material das pessoas. O preconceito sofrido pelos povos do campo, sempre vistos como atrasados e ignorantes, por não terem os mesmos bens que os moradores da cidade. Ao irem para o corte de cana esses jovens não só perdem o convívio com seus familiares, perdem também a identidade do homem do campo. Agregam novos elementos ao modo de ser jovem: calças cheias de acessórios, cabelos moicanos, brincos, tatuagens. Tornam-se sujeitos “deslocados” da cultural local onde vivem e dos lugares onde vão trabalhar.

### **Estudar para...**

Boa parte dos jovens afirmaram que talvez um dia voltem a estudar, caso isto se faça preciso. Essa égide do “se precisar” relatada pelos jovens - Andorinha, Bem-te-vi, Jacu, Cardeal, João-de-barro - reflete dois aspectos importantes: o primeiro é a existência de um futuro incerto na vida desses jovens; o segundo traz a concepção de que a vida no campo não necessita de estudo, este só se faz necessário caso tenham a pretensão de conseguir um trabalho na cidade.

O futuro incerto na vida deles se evidenciou nas incertezas e pausas durante as entrevistas, como se estivessem refletindo sobre as possibilidades, seus sonhos futuros e

não encontrassem uma resposta certa, apenas caminhos que mais dependeriam da sua situação externa do que dos seus reais anseios.

Segundo Paes (apud. GUIMARÃES; GRINPSPUN, 2008: 8) “(...) para muitos jovens o futuro se encontra desfuturizado – não porque esteja sob controle, mas porque se encontra (des)governado pelo princípio da incerteza”. É certo que a juventude é tida como uma etapa da vida na qual as incertezas e a relevância dada ao presente sejam características comuns, mas é também nesse período que os sujeitos tomam decisões importantes quanto a sua própria vida<sup>7</sup>, mesmo sem saber se elas vão realmente se concretizar, a maioria dos jovens planeja seu futuro. O que não ocorre com os cinco jovens acima citados, o próprio futuro para eles aparece como uma possibilidade.

O segundo aspecto observado se refere à ideia de que a vida no campo não precisa de estudo. Abramovay (2003) analisa que historicamente a permanência de jovens no campo estava associada ao baixo nível educacional da juventude, permanecendo na atividade da agricultura familiar aqueles/as jovens que tiveram menos oportunidade de se escolarizar. Mesmo eles afirmando que conseguiam relacionar o que aprendiam na escola com a sua vida, quando questionados sobre o que seria este precisar, fizeram referências ao trabalho, mas não ao trabalho no campo, e sim a um trabalho que exija deles uma maior escolarização.

Segundo Weisheimer (2004: 165) estudar é visto pela maioria dos jovens como a principal via de acesso para o trabalho não agrícola. E muito embora os jovens tenham uma visão de que a educação formal ajudaria em outras coisas, a predominância nos seus discursos fez-se sempre em relação a possibilidade de conseguir um emprego, e emprego para eles só existe na cidade.

A educação não foi associada por eles em nenhum momento como um dos instrumentos que podem ajudar na melhoria da realidade vivenciada no campo, mesmo demonstrando vontade de permanecer nele e cientes das dificuldades ali enfrentadas, a educação não se encaixa como possibilidade de melhoria. Pelo menos não a educação escolar comum, já que dois jovens Andorinha e Bem-te-vi afirmaram ter vontade de frequentar um curso de técnico agrícola.

---

<sup>7</sup> “Mesmo dentro dos limites dos constrangimentos econômicos e sociais, a juventude aparece como um momento de escolhas, que envolvem a busca e definição de identidades pessoais e sociais (do que se é e do que se quer ser), e de tomada de decisões que estruturam a trajetória de vida futura.” (ABRAMO, 2008a: 87- 88)

Silva (2007: 12) ressalta que “considerando os altos índices do êxodo da juventude do campo nas últimas décadas e entendendo a educação como prática social e histórica, repensar a formação de jovens rurais é uma necessidade para todos que estão comprometidos com a construção de uma sociedade sustentável. A educação ao reconhecer a cultura dos povos do campo, sem atribuir juízos de valor em relação à cidade, deve favorecer a formação de um cidadão que mesmo diante de uma realidade dita “desfavorável”, tenha vontade de modificá-la, e consiga reconhecer a possibilidade de uma vida melhor ali mesmo.

### **Algumas considerações**

Esses jovens trazem consigo o fardo da defasagem escolar, advindo de repetências e abandonos, vivenciam as dificuldades em se manterem no meio rural, e sofrem a influência de uma sociedade que vangloria a cultura urbana em detrimento ou não reconhecimento da cultura do campo. Eles vão para o corte de cana por ser este o meio mais rápido de obter dinheiro, e conseqüentemente, bens materiais que possam lhes dar *status* perante a sociedade, como por exemplo, comprar uma moto.

Ou seja, a educação para nenhum desses jovens é tida como meio para melhoria da vida no campo, pelo contrario, ela representa uma possibilidade de sair do campo.

Esse tipo de visão é combatida pela luta por uma Educação do Campo. Uma educação não adaptada, mas sim formada pelos povos do campo, vislumbrando suas dificuldades, seus anseios e principalmente, o respeito à sua cultura. Uma educação que só pode ser requerida a partir do momento que o sujeito se perceba como oprimido e queira lutar pelos seus direitos.

### **REFERÊNCIAS**

ABRAMO, Helena Wendel. Que é ser jovem no Brasil hoje? Ou a construção militante da juventude. In: SILVA, Itamar et. al. **Ser Joven en Sudamérica: Diálogos para la construcción de la democracia regional**. Río de Janeiro: IBASE, 2008a.

\_\_\_\_\_. Como a Atuação Juvenil Incide na Construção de Direitos. In: PAPA, Fernanda; JORGE, Flavio; MORAES, Rafael (org.s). **Juventude em formação: textos de uma experiência petista**. São Paulo : Fundação Friedrich Ebert, 2008b.

ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ALVES, Francisco. Por que morrem os cortadores de cana? In: **Saúde e Sociedade**. V. 15. Set. Dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v15n3/08.pdf>>. Acesso em: fev. de 2011.

ARIEL, Cláudio Acácio et al. **Guanambi: nossa terra, nossa gente, nosso orgulho**. Guanambi: Prefeitura Municipal, 1999.

ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.s) . **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. Acesso em: 20 de fev. de 2011.

\_\_\_\_\_. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** : lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5. ed. Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

CALDART, Roseli Salete \_\_\_\_\_. **Sobre educação do campo**: roteiro de exposição para o III Seminário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Luziânia, GO, out. de 2007. Disponível em: <[http://www.ce.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom1/pdf/ii\\_03.pdf](http://www.ce.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom1/pdf/ii_03.pdf) - -1k ->. Acesso em: 20 de out. de 2010.

DELORS, Jacques (et. al.) **Educação um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. CORTEZ: UNESCO: MEC, Ministério da Educação e do Desporto. 1998.

FROSSARD, Antonio Carlos. **Identidade do Jovem Rural Confrontando com Estereótipo de Jeca Tatu**: um estudo qualitativo com os jovens da EFA Rei. (Dissertação de Mestrado) Universidade Nova De Lisboa – Portugal, Universidade François Rabelais de Tours – França. Nova Friburgo - RJ, Brasil. Dezembro de 2003.

GUIMARÃES, Gilselene Garcia; GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. **Revisitando as origens do termo juventude**: a diversidade que caracteriza a identidade. GT-20: Psicologia da Educação. 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4136--Int.pdf>>. Acesso em: jan. de 2011.

GUIMARÃES, Jean; TASSO JUNIOR, Luiz Carlos; FARHAT, MARCOS. **Programa “Cana Limpa”**: sistema de colheita, corte manual. São Paulo: Edição revisada, SENAR, 2009.

IPEIA. **Comunicados do Ipeia, PNAD 2009 - Primeiras análises**: Situação da educação brasileira - avanços e problemas. n° 66. [s.n.t.], 2010.

LAAT, Erivelton Fontana de; VILELA, Rodolfo Andrade de Gouveia. A Análise ergonômica do trabalho na colheita da cana-de-açúcar: proposta para redução do desgaste físico do trabalhador. In: CONAFF. **Livro de Memórias do III Congresso Científico**

**Norte-nordeste.** Disponível em: <<http://www2.sanny.com.br/si/site/040500>>. Acesso em: 15 de abril de 2011.

MACEDO, Philippe Andrey Raposo de. Cortadores de cana: O lado amargo da produção canavieira. In: **Revista da Rede de Estudos do Trabalho**. nº 2. 2008. Disponível em : <<http://www.estudosdotrabalho.org/RevistaRET02.htm>>. Acesso em: mar. de 2011.

**PANORAMA DA EDUCAÇÃO NO CAMPO.** Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Inep | MEC. 2007.

PINHO, Kelly Cristina de Carvalho. **Educação para quê?** Reflexões sobre a Educação para emancipação. Londrina: [s. n.], 2009.

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida; et. al. Novas tecnologias e saúde do trabalhador: a mecanização do corte da cana-de-açúcar. In: **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 147-161, jan./mar.1999.

SILVA, Vera Terezinha Carvalho. **O jovem rural como ator principal para a construção de um novo modelo rural, promovendo um espaço de qualidade de vida sustentabilidade social e ambiental.** Porto Alegre : EMATER/RS-ASCAR, 2007.

UNICA. **Setor Sucroenergético.** Disponível em: < <http://www.unica.com.br/>>. Acesso em: mar. de 2011.

WEISHEIMER, Nilson. **Jovens Agricultores e seus projetos profissionais:** um estudo de caso no bairro de Escadinhas, Feliz/RS. (Dissertação de Mestrado) IFCH/UFRGS. Porto Alegre, 2004